

## 5

### **Relações de Hierarquia e Afetividade nas Interações Familiares**

Meu objetivo da análise, neste capítulo, consiste em buscar identificar como as conversas do dia a dia funcionam ou deixam de funcionar para criar, reforçar, complicar ou melhorar os relacionamentos na família. Procuo mostrar também como cada pessoa/participante, em seus papéis interacionais, produz sua fala/interação e como isso se traduz na relação com o outro, através das estratégias de interação utilizadas em diversos contextos de interação. A partir dessas perspectivas de análise, procurarei estabelecer como são os relacionamentos que se criam no contexto desta família: se de hierarquia, afetividade ou ambos.

#### **5.1**

##### **Conflito e mediação nas relações familiares**

###### **(I)**

Nesta seção, analiso uma atividade de fala em que Aurélio, o pai, estava sendo aguardado pela mulher e as filhas para o almoço do sábado, e, bastante atrasado, chega e comunica que já havia almoçado. Veremos que os participantes, em função do atraso de Aurélio, interagem discursivamente criando situações de progressão emocional na construção do conflito, além de empregarem recursos de afetividade que promovem mudança de alinhamento e enquadre entre os participantes numa dada situação.

### Atividade de fala 1 – Almoço em família

- 1 Aurélio: podi almoçá qui eu já comi num pé suju perto da FÉ  
 2 Ana Clara: a::h, palhacinho, (+) e a genti aqui isperandu...  
 3 Aurélio: mais num dava pra ir e voltá nu sebu pra comprá seus livru.  
 4 Mana: (( fala nervosamente)) vamu comê intão”  
 5 Mariana: ((gesticula pedindo a palavra)) i os meus”  
 6 Aurélio: Pe:::raí::, uma coisa de cada veiz  
 7 Ana Clara: eh: mais quandu a genti fala qui vai deixá pra depois cê reclama  
 8 Aurélio: mais cê num tem nada qui reclamá, eu tava comprano us SEU  
 9 Ana Clara: mais a genti tava isperandu  
 10 Mana: ca::lma genti.  
 11 Ana Clara: mais eu to mintindu?  
 12 Aurélio: SOH tá se metenu ondi num devi.  
 13 Mariana: ((ininteligível))  
 14 Ana Clara: e:h sempri assim, mãe, eli fala o qui qué i a genti num podi falá nada.  
 15 Mana: Mais cês JÁ vão começá?  
 16 Ana Clara: Beleza intão...

É possível verificar que a situação de conflito está instaurada já no início da interação, quando o pai chega e, numa forma diretiva de permissão “podi almoçá” e explicação “qui eu já comi num pé suju perto da FÉ” (turno 1), autoriza que iniciem o almoço, pois já havia almoçado, o que pressupõe o fato de o locutor apresentar um comportamento tradicional de se aguardar o pai para o início das refeições e deter um poder inquestionável em relação ao interlocutor. Aqui, o enquadre de refeição é transformado por Ana Clara em um enquadre de reclamação e, embora num tom de brincadeira – recurso de afetividade e intimidade - e num alinhamento de irreverência com o uso da metáfora “palhacinho” (linha 2), faz uma reclamação dizendo que o estavam esperando “e a genti aqui isperandu...”. Ao retomar o turno, Aurélio, num ato assertivo, dá uma explicação e, numa forma de mitigação do poder, apresenta as razões que justificariam sua fala anterior (linha 3).

No ato de fala da mãe, ao chamar para a refeição (linha 4), há claramente uma mudança de enquadre com o objetivo de atenuar o conflito, é através dessa interferência que se percebe o seu alinhamento no sentido de remediar o conflito. Na seqüência, Mariana também se alinha, fazendo um pedido disfarçado de reclamação “i os meus ?” (linha 5). Contudo, nota-se na fala de Aurélio (linha 6) a interpretação de mais uma reclamação “Pe:::raí::: uma coisa de cada veiz”, na forma de uma reclamação com o enquadre de reclamação das duas filhas.

Ana Clara se inclui novamente no conflito com a fala “a gente” (linha 7), retoma o enquadre anterior e, num ato de fala de contestação, remete ao ato do pai tomando como fato o pressuposto (contido no ato) de que ele não aceita que se deixe as coisas para depois. Aurélio, numa fala impositiva (linha 8), contesta a filha e apresenta as razões em sua argumentação “eu tava comprano us SEU”. No entanto, o que se percebe aqui é um desvio no foco inicial da razão da reclamação, já que a questão não era ter ou não comprado os livros, mas a demora para o almoço. Tomando novamente o turno, Ana Clara procura retomar o enquadre de reclamação e o foco inicial do conflito num ato de reclamação disfarçado de justificativa que se vai construindo na interação (linha 9). Na seqüência, a mãe, num ato de quem faz um pedido, interfere procurando agir na mediação do conflito (linha 10), no que não é atendida por Ana Clara que, num ato de questionamento (linha 11), remete ao anterior em que pressupõe o fato de o pai não gostar que se deixe as coisas para depois.

Nesta parte da interação, Aurélio inicia sua fala com um SOH (linha 12) que, na verdade, não quer dizer “apenas”, como se fosse algo sem importância; esse termo vem carregado de repreensão reforçado pelo que enuncia na seqüência: “tá se metendo onde não deve”, expressão popular que demonstra a autoridade de quem fala e a inadequação da fala do interlocutor; esse ato de fala pretende colocar o interlocutor numa posição de assimetria hierárquica, a fim de que se retire do enquadre. Mariana ainda esboça alguma reação, ainda que ininteligível, e Ana Clara aproveita para se dirigir à mãe, que já participara do conflito como mediadora, e faz uma reclamação de forma indireta, direcionada ao pai, mencionado como terceira pessoa “e:h sempri assim, mãe, eli fala o qui qué i a genti num podi falá nada” (linha 14).

A mãe, a fim de encerrar o conflito e estabelecer a ordem, faz uma repreensão aos dois envolvidos diretamente no conflito – Aurélio e Ana Clara – “Mais cês JÁ vão começá?” (turno 15) . O pai não retoma o turno e Ana Clara, num ato irônico de irreverência, como a dar a última palavra, retira-se do enquadre proferindo uma expressão muito comum entre os adolescentes: “Beleza, então...” (linha 16).

Nesta situação, percebe-se claramente que a autoridade (poder) do pai não é aceita por Ana Clara, que se rebela a todo momento num enquadre de

enfrentamento, e que a mãe age como mediadora nas interações com os demais membros da família buscando não apenas garantir a harmonia nas situações de interação familiar, mas também como forma de poder e controle.

## (II)

Numa outra situação de interação, em que a família está reunida à mesa do café da manhã de domingo, podemos observar posturas alinhadas dentro da família; posicionamento que se constrói no curso das falas dos participantes, na própria seqüência da realização das tarefas familiares: pai e filha mais nova num conflito no qual o que se coloca é a preocupação com a perda da identidade: o pai, do papel hierárquico e da própria figura paterna e a filha adolescente, numa necessidade de salvar a própria face; e de outro lado a mãe e a filha mais velha num alinhamento de preocupação e afetividade que visa a restabelecer e manter a harmonia dentro da família. A estratégia utilizada deixa antever a interferência de estereótipos sociais cujos papéis devem ser mantidos e que tem na família papel perpetuador.

### Atividade de fala 2: Família à mesa no café da manhã

- 1 Ana Clara: EEECAAAA! Tem água no presunto!
- 2 Aurélio: Deixa de ser fresca, comprei presunto de peru pra você e bota defeito,
- 3 quem gosta de presunto aqui, sou eu?
- 4 Ana Clara: Não sei, cê gosta? Eu gosto!
- 5 Aurélio: Ó como fala comigo, hein? Menina véia nunca tá contente com nada.
- 6 Ana Clara: Também cê fica me enchendo o saco!
- /.../
- 7 Mana: Que que é isso, parou, parou.
- 8 Aurélio: Isso é falta de respeito, menina chata, nada tá bom.
- 9 Ana Clara: Cês tão vendo? Eu não posso fazer nada...
- 10 Mariana: Mas você não pode ficar falando desse jeito com ele, né?
- 11 Ana Clara: Mas foi ele que começou...Cês viram como ele falou comigo? Eu não
- 12 vou ficar quieta!
- 13 Mana: Mas tem que deixar pra lá, filha. Brigar mais não adianta.
- 14 Ana Clara: Mas eu não vou escutar calada, mãe! Ele que tá errado!

- 15 Mariana: Eu sei, Ana... mas deixar de lado às vezes é melhor...  
 16 Ana Clara: Eu não vou fazer isso! Essa não sou eu!"

No primeiro momento da interação, Ana Clara (linha 1), num ato direto de exclamação e contestação, inicia seu turno reclamando do alimento: “EEEECAAA! Tem água no presunto!”, direcionando o enquadramento da refeição para o conflito que acontecerá no decorrer da interação. Aurélio, nos turnos seguintes, em ato diretivo de repreensão seguido de uma explicação: “Deixa de ser fresca, comprei presunto de peru pra você e bota defeito” (linha 2), entra no enquadre de conflito para, em seguida, fazer uma pergunta retórica: “quem gosta de presunto aqui, sou eu?” (linha 3), pois já havia deixado claro que comprara o presunto de peru para ela. No entanto, a garota, na seqüência, num alinhamento de irreverência que mescla ironia e mantém a provocação, responde com outra pergunta, seguida de uma confirmação: “Não sei, cê gosta? Eu gosto!” (linha 4). A seguir, num ato expressivo de advertência e reclamação: “Ó como fala comigo, hein? Menina véia nunca tá contente com nada” (linha 5), Aurélio deixa claro ter percebido a afronta da filha, que se dirige ao pai como se fosse um de seus amigos e assumindo a postura de um deles.

Neste momento da análise, visto que, a partir deste turno, é possível observar a pesquisadora também presente na interação, retomo Sarangi (2007:8), que ressalta a diferença do analista observador da interação de outros, daquele que adota uma perspectiva de dentro da interação. Para o autor, isto levaria a uma redução significativa de possíveis lacunas interpretativas. A fim de evitar essas possíveis lacunas, aproveito para tecer comentários que não foram gravados, mas que fazem parte do rol de anotações feitas por mim com o objetivo de garantir que nada se perdesse.

Na seqüência da interação, Aurélio, dirigindo-se a Mariana e a mim, como que buscando ajuda no conflito e passando o turno às duas, reclama que Ana Clara é “chata e tonta” e vai se afastando das três. Saliento que o fato relatado é fruto de uma observação que anotei a fim de garantir o completo entendimento do turno seguinte. Num ato de fala de mediação do conflito, repreendo os dois – Aurélio e Ana Clara – fazendo-lhes uma pergunta não como quem não soubesse o que estava acontecendo, mas, numa mudança de enquadre, chamando-os à reflexão, e mandando-os encerrar o conflito: “Que que é isso, parou, parou”

(linha 7); Aurélio se recusa a mudar o enquadre conflituoso e, ainda reclamando de que a filha não o respeita, não reconhece a hierarquia: “Isso é falta de respeito, menina chata, nada tá bom” (linha 8). A garota, então, num alinhamento de quem busca apoio, retoma o turno dirigindo-se à mãe, que intermediara o conflito, e à irmã, mas indiretamente se reporta ao pai mantendo, ainda, o alinhamento de reclamação: “Cês tão vendo? Eu não posso fazer nada...” (linha 9).

É interessante para esta análise observar que, a partir deste momento, Mariana, num ato de fala em que reconhece o papel do pai: “Mas você não pode ficar falando desse jeito com ele, né?” (linha 10), dirige-se à irmã com uma repreensão leve em mais uma tentativa de mudança de enquadre para finalizar o conflito e recuperar a harmonia familiar. Mariana ratifica o que Gumperz (1982b:1 *apud* Pereira, 2002:7-25) afirma sobre o fenômeno comunicativo: “...desempenha importante papel no exercício de poder e controle, na produção e reprodução da identidade social.” Contudo, Ana Clara se recusa a aceitar a mudança de enquadre e tenta se justificar questionando o ato de fala do pai: “Cês viram como ele falou comigo? Eu não vou ficar quieta!” (linhas 11 e 12).

Mais uma vez, em meu turno, aconselho-a a não prosseguir no conflito e apresento razões para que ela se convença (linha 13); mas Ana Clara não aceita minha argumentação e, num ato de rebeldia, se recusa a finalizar o conflito justificando que a culpa não é dela: “Mas eu não vou escutar calada, mãe! Ele que tá errado!” (linha 14). Mariana concorda quanto ao foco do erro, mas insiste, num tom conciliador, em finalizar o conflito: “Eu sei, Ana... mas deixar de lado às vezes é melhor...” (linha 15); porém, a irmã retoma o turno e, numa tentativa de salvar a própria face (cf. Goffman, 1980:67 *apud* Pereira, 2002:16), se nega a aceitar o enquadre proposto afirmando temer a perda do *self*: (cf. Schiffrin, 1996:308-310 *apud* Pereira, 2002:17): “Eu não vou fazer isso! Essa não sou eu!” (linha 16). Parece que o que está em jogo para Ana Clara é a orientação defensiva da própria face (cf. Goffman, 1980:67) muito mais que a preocupação com a hierarquia ou a face do pai.

Segundo Gumperz (1999<sup>a</sup>, p.453-4 *apud* Pereira, 2002:9), um dos objetivos da Sociolinguística Interacional de natureza construtivista “reivindica que nossos mundos sociais são moldados através da interação”. De fato, nessa situação, procurando interpretar o que os membros da família estão fazendo

quando falam uns com os outros, pudemos observar que os atos de fala realmente sinalizam posturas alinhadas dentro da família e que tal posicionamento se constrói no curso das falas dos participantes, na própria seqüência da realização das tarefas familiares.

O exemplo analisado acima evidencia, ainda, o fato estudado por Deborah Tannen (1995 *apud* Pereira, 2002:15) de que reagimos não apenas ao significado das palavras faladas, a mensagem, mas também ao que pensamos que elas dizem, a metagem (linhas 1 e 2). Para a autora, esses conflitos são mais sentidos na família, que é uma instituição altamente hierárquica e unida, onde há claramente uma relação de poder e em que, nos momentos de interação, procura-se encontrar o ponto certo entre proximidade e distância. Caso esse equilíbrio não seja conseguido, essas relações podem ser vistas como uma ameaça à individualidade, à hierarquia e à própria afetividade, fato bastante comum no relacionamento entre pais e filhos, principalmente quando os filhos entram na adolescência (linhas 6,9,11,12,14 e16).

Os adolescentes estão começando a sair para o mundo e por causa de suposições conflitantes sobre o mundo e como ele funciona, as conversas entre eles e os adultos com quem vivem podem ficar fora de controle, daí a necessidade de haver um reenquadramento, tentativa sempre presente nas interações quando a mãe e a filha mais velha tomam o turno, para ajudar a resolver os conflitos. No entanto, tal reenquadramento nem sempre é fácil porque nenhum dos dois consegue realmente entender o mundo do outro e, por mais que os pais se esforcem para ver o mundo do ponto de vista do filho adolescente, como pudemos observar na análise dos dados, nem sempre obtêm êxito.

Pudemos perceber também que algumas pessoas da família, a mãe (linhas 7 e 13) e a filha mais velha (linhas 10 e 15), acham que têm mais do que o direito de apontar quando o outro está fazendo algo de errado, sentem-se na obrigação de fazê-lo. Contudo, o que se percebe é que não é a crítica em si que gera conflitos, mas o modo como ela é feita (cf. Tannen, 2003:181-220). É fato que a crítica dos pais tem um peso extra, até quando os filhos são adultos, o que dirá num momento como no adolescência em que a identidade está se transformando/reconfigurando, como na linha 16 quando Ana Clara afirma: "...Essa não sou eu..."

## 5.2

### Negociação de posições numa interação entre pai e filhas

Nesta seção, analiso uma atividade de fala na qual se pode perceber que uma interação rotineira em que o pai vai buscar as filhas na escola, ainda que iniciada de maneira formal e cordial, pode se transformar em uma situação de conflito dependendo do que é dito e/ou de como é dito. As meninas entram no carro e o pai já está com o rádio ligado.

#### Atividade de fala 3 – Pai e filhas na volta da escola

- 1 Mariana: oi, pai [ tudu bom?  
 2 Ana Clara: [e aí, véi beleza?  
 3 Aurélio: oi filhas...Comu foi a aula”  
 4 Mariana: [tudu bem  
 5 Ana Clara: [normal  
 6 Ana Clara: pa:::i, muda a rádiu aí! põe na Mix  
 7 Aurélio: dexa cabá essa música  
 8 Ana Clara mais, a:::h pai essa música de véiu é horrí:::vel.  
 9 Aurélio: horrível é essa zuada [ que cês escutam  
 10 Mariana: [péra, Ana, quandu essa caba eu mudu  
 (...)
 11 Mariana: ...cê viu a Britney”  
 12 Ana Clara: cara:::ca, vi, ela foi pruma clínica de reabilitação...  
 13 ca:ra, saiu e raspô a cabeça!  
 14 Aurélio: quêêê” raspô a CABEÇA”  
 15 Mariana: aha:::m!  
 16 Aurélio: po:::rra tá vendu SOH” essas parada num dão certo mesmu  
 17 ficô muito do:::ida!!!  
 18 Ana Clara: uhum, pai  
 (1,8) (( música de fundo))  
 19 Aurélio: quem é qui ta cantandu essa música”  
 20 Mariana: num sei, pai  
 21 Aurélio: num é a Nelly Furtado não”  
 22 Mariana: a:::chu que não, pai  
 23 Ana Clara: claro que NÃ:::O essa música é do U2  
 24 Mariana: isso eu sei ,né:: Ana”  
 25 Ana Clara: intão!  
 26 Aurélio: mais num são elis que TÃO CANTANDU  
 27 Ana Clara: sim, mais a música é DELES  
 28 Mariana: tá::: Ana ... mais quem é essa mulher que ta cantandu”  
 29 Ana Clara: ahh, aí eu num sei  
 30 Aurélio: parece com a voz da Nelly Furtado... EU achu que é ela...  
 31 Ana Clara: hii, pai num é ela!!  
 32 Mariana: beleza, gente! não importa  
 33 Aurélio: mais eu achu que a voiz é:: dela  
 34 Ana Clara: beleza, pai!

Refletirei em como a comunicação é uma atividade social que requer esforços coordenados e como as interpretações são conjuntamente negociadas e

juízos são confirmados ou modificados pelas reações que evocam um no outro; irei me ater mais detalhadamente ao confronto de posições que pode ocorrer numa situação rápida e corriqueira em que os participantes buscam criar inicialmente um clima agradável.

Mariana é a primeira a entrar no carro e, ao cumprimentar o pai: “oi, pai [tudu bom?” (turno 1), apresenta em sua fala uma saudação estereotipada, num alinhamento mais protocolar. Ana Clara, por sua vez, como forma de aproximação com o pai, faz uso da saudação usando uma linguagem própria de adolescentes no uso com seus amigos: “[e aí, véi beleza?” (turno 2). Aurélio, em sua saudação: “oi filhas...Comu foi a aula?” (turno 3) , num alinhamento de afetividade com as filhas, faz uso de seu ato de fala para introduzir um novo tópico, perguntar como foi a aula.

É apenas quando Ana Clara, num ato de fala direto, que poderia soar como um imperativo frio: “pa:::i, muda a rádiu aí!” (linha 6), atenuado pelo “aí” no final da fala, pede ao pai que mude a rádio do carro, que se delinea o enquadre que permeará a interação: a música que está tocando no rádio do carro no caminho para casa. Aurélio, como resposta, faz um pedido para que ela o deixe ouvir a música: “dexa cabá essa música” (linha 7); Ana Clara, no entanto, faz uma reclamação com vigor e usa termos provocativos ao se dirigir ao pai referindo-se às músicas que ele gosta como sendo “horrrível”, coisa de “véio” (linha 8). O pai, num ato expressivo de contestação: “horrrível é essa zuada [ que cês escutam” (linha 9), retomando “horrrível”, um dos termos usados pela filha, entra no alinhamento iniciado por ela e instala-se o conflito.

É interessante notar que, nesse momento, Mariana, percebendo ter-se criado uma situação de progressão emocional na construção do conflito, toma o turno dirigindo-se à irmã: “[péra, Ana, quandu essa cabá eu mudu” (linha 10) e, na tentativa de evitar o conflito e restabelecer a harmonia, pede-lhe que espere acabar a música. Por estarem apenas os três no carro, e o conflito ter-se instalado entre os outros dois, Mariana toma para si o papel de mediadora que a mãe costuma exercer e, com um questionamento: “...cê viu a Britney?” (linha 11), rapidamente força uma mudança de enquadre para evitar o conflito. Ana Clara, com uma fala típica dos adolescentes quando demonstram admiração: “cara:::ca,

vi, ela foi pruma clínica de reabilitação...” (linhas 12 e 13), aceita a mudança de enquadre proposto pela irmã.

O pai, que também se mostra admirado e surpreso: “quêêê” raspô a CABEça?” (linha 14), aceita a mudança de enquadre sem retomar a situação conflituosa de antes e faz uma exclamação usando termos que, no contexto, não devem ser considerados de mau gosto, e sim uma maneira de se aproximar dos adolescentes: “po::::rra tá vendu SOH’... “ ... ficô muito do::::ida!!!” (linhas 16 e 17), além de aproveitar para entrar num enquadre de conselho dizendo às filhas que: “essas parada num dão certo mesmu” (linha 16). Após um silêncio de aproximadamente 1 minuto, no qual se ouve apenas uma música, Aurélio toma o turno perguntando às filhas: “quem é qui ta cantandu essa música?” (linha 19), Mariana diz que não sabe: “num sei, pai” (linha 20) e o pai retoma o turno sugerindo um nome; Mariana, num ato de fala hesitante para não negar diretamente e melindrar a hierarquia paterna reiniciando o conflito, diz achar que o pai não tinha razão: “a::::chu que não, pai” (linha 22).

Nesse momento, Ana Clara toma o turno e, sem se preocupar com um possível enquadre de conflito, veementemente nega a suposição do pai afirmando que a música é de autoria de um conjunto famoso: “claro que NÃ:::O essa música é do U2” (linha 23). Mariana, percebendo que no momento em que o pai revida a fala da irmã: “mais num são elis que TÃO CANTANDU” (linha 26), enfatizando que o interesse era em quem cantava a música e não de quem era, havia claramente uma situação de negociação de significados, retoma o turno e procura trazer para si o foco da discussão: “tá::: Ana ... mais quem é essa mulher que ta cantandu?” (linha 28), Ana Clara tenta finalizar a situação assumindo que não sabe (linha 29).

Aurélio, contudo, não aceita a tentativa da filha de encerrar a discussão e, numa tentativa de manter seu papel na hierarquia e ter a última palavra afirma: ” parece com a voz da Nelly Furtado... EU achu que é ela...” (linha 30) enfatizando o EU; no entanto, enquanto Mariana aceita a opinião do pai afirmando que não importa quem esteja cantando: “beleza, gente! ...,não importa” (linha 32), Aurélio retoma sua posição (linha 33), mas é Ana Clara quem realmente tem a última palavra fazendo uso da expressão estereotipada entre os adolescentes quando

querem dar um basta na situação deixando claro que não importa a opinião do interlocutor: ” beleza, pai!” (linha 34).

Dois itens ficam pressupostos a partir da análise das interações estudadas: primeiro, que os falantes sinalizam, a partir das pistas de contextualização (cf. Gumperz, 1982 *apud* Pereira, 2002:12), como estão interpretando ou se posicionando em um dado evento, evidenciando o seu envolvimento subjetivo com a atividade de fala; e, segundo, que nas interações podem ocorrer tanto mudanças de enquadre quanto de alinhamento, na medida em que, na maioria das vezes, um encontro passa por transformações no seu desenrolar.

### 5.3

#### Construção da solidariedade entre pai e filha adolescente

Refletirei, nesta seção, a partir da análise de gravações realizadas em interações entre Aurélio e Ana Clara, como pai procura criar situações favoráveis na tentativa de obter sucesso em seu propósito de manter uma maior aproximação com a filha mais nova. O emprego da estratégia de aproximação é bastante visível no exemplo a seguir quando Aurélio leva Ana Clara e duas amigas, Milena e Verônica, a um show e conversa de igual para igual com elas. A interação começa quando as garotas entram no carro.

#### Atividade de fala 4 – Pai levando filha e amigas a um show

1. Milena: oi, tui, [ tudu bom?
- 2 Verônica: [e aí, tui?
- 3 Aurélio: oi, mininas tudu bom e vocês”
- 4 Milena : [beleza
- 5 Verônica: [beleza
- 6 Ana Clara: cês tão cum ingressu”
- 7 Milena: aham, tá aqui!
- 8 Verônica: vô comprá na hora devi tê cambista vendendu
- 9 Ana Clara: SEMpri tem cambista
- 10 Aurélio: ah, toma cuidado hein”tem muito cara esperto querenu dá balão em minininha
- 11 Ana Clara: a genti tem as manha, num dá nada não.
- 12 Milena: os cara são bro:::der  
(risos)
- 13 Aurélio: mais num custa nada ficá ligada... isperta cum essas coisa
- 14 Verônica: aumenta aí, aumenta aí, ó::: o Natirrutis!
- 15 Ana Clara: ahhh, muleeeque!
- 16 Milena: cê curti régui, tui”
- 17 Aurélio: ô, até dançu na lanchonete do CEUB quando tem showzinho!  
(risos)

- 18 Verônica: tá::: zuandu NÉ::: tiu”  
 19 Aurélio: tô falandu levantei da mesa e fui dançá na frenti da banda  
 20 só senti falta de uma toquinha daquelas... qui::: o Rodrigo usa  
 21 todú mundu da banda tinha uma  
 22 vou comprar uma daquela pra dançá da próxima veiz...  
 ((risos))  
 23 Ana Clara: pior qui é verdade, mais inda bem qui é na hora da aula.

É interessante perceber já no início da interação que as garotas possuem um estilo todo próprio de falar. Ao entrarem no carro, Milena e Verônica (linhas 1 e 2) dão início ao enquadre de abertura e tentam um alinhamento de aproximação com o pai da amiga fazendo uso de uma linguagem própria de adolescentes, inclusive com o tratamento “tio”, muito comum em Brasília: “oi, tiu,[ tudu bom?” “[e aí, tiu?”. Tal alinhamento é plenamente aceito pelo pai que, por seu turno, e afetuosamente, se refere a elas como “meninas” ao perguntar como estão: “oi, mininas tudu bom e vocês?” (linha 3). Na sequência, elas respondem num ato de fala típico dos adolescentes “beleza” (linhas 4 e 5).

Tomando o turno, Ana Clara se pronuncia pela primeira vez e, numa mudança de enquadre, dirige-se às amigas chamando a atenção para o fato de que elas estão ali para ir ao show e, perguntando se elas estão com os ingressos: “cês tão cum ingressu?” (linha 6); Milena (linha 7) responde afirmativamente aceitando a mudança de enquadre proposto e Verônica, em sua fala, não faz uso de uma negação explícita, justificando que vai comprar na hora, pois deve ter algum cambista vendendo: “vô comprá na hora devi tê cambista vendendu” (linha 8), com o que Ana Clara concorda enfatizando a palavra *sempre*: “SEMpri tem cambista” (linha 9).

Aurélio, que se mantivera calado até então, aproveita a mudança de enquadre proposta pelas garotas para reenquadrar a interação e aconselhar as garotas a tomar cuidado: “ah, toma cuidado hein? tem muito cara esperto querenu dá balão em minininha” (linha 10), o fato de haver “muito cara esperto” põe em risco as “menininhas”; aqui já se pode pensar em nova mudança de enquadre para o de perigo, deixando clara a postura do adulto experiente. No entanto, diante das respostas das garotas: “a genti tem as manha, num dá nada não.” (linha 11), “os cara são bro:::der” (linha 12), Aurélio retoma o enquadre de aconselhamento dizendo-lhes: “mais num custa nada ficá ligada... isperta cum essas coisa” (linha 13).

Aqui é interessante observar como as mudanças de enquadre se sucedem num rápido momento de interação. A partir da linha 14 até o final, encontramos dois enquadres distintos iniciados quando Verônica percebe que a música que está tocando no rádio do carro é do conjunto de *reggae* que elas estão indo assistir. A garota pede que se aumente o volume do rádio: “aumenta aí, aumenta aí, ó::: o Natirrutis!” (linha 14) e Ana Clara faz uma observação de aprovação típica dos adolescentes que pressupõe alinhamento com a fala da amiga: “ahhh, muleeeque” (linha 15).

Na seqüência, Milena toma o turno para incluir o “tio” nesse reenquadre e pergunta-lhe: “cê curti régui, tiu?” (linha 16). Aurélio inicia um enquadre de brincadeira respondendo afirmativamente e dizendo: “ô, até dançou na lanchonete do CEUB quando tem showzinho!” (linha 17), o que vai reforçar a relação de camaradagem. Verônica, numa nova mudança de enquadre, agora para uma crítica disfarçada de brincadeira, pergunta: “tá::: zuandu NÉ::: tiu?” (linha 18); e ele, retomando o enquadre da brincadeira nas linhas seguintes (19 a 22), diz que não, que já dançou mesmo e que vai dançar de novo: “tô falandu levantei da mesa e fui dançá na frenti da banda... só senti falta de uma toquinha daquelas... qui::: o Rodrigo usa... todumundu da banda tinha uma... vou comprar uma daquela pra dançá da próxima vez...” Ana Clara, pondo fim à interação, pois chegaram ao local do show, em meio aos risos de todos, faz uma brincadeira (disfarçada de crítica) com o pai, confirmando o que ele disse: “pior qui é verdade, mais inda bem qui é na hora da aula” (linha 23), justificando que por sêdo na hora da aula, ninguém viu.

Em resumo, nessa tentativa, Aurélio tenta se inteirar das coisas que a filha gosta como músicas próprias de adolescentes procurando a solidariedade da filha e, embora reclame do trabalho que dá, acaba cedendo quando ela pede para levá-la e aos amigos a festas e shows. Ele, nesses momentos, partilha das interações com os adolescentes como se fossem amigos, o *brother*, que usa as mesmas gírias deles, gosta de *reggae*, não se espanta quando eles falam palavrões e é o cara com o qual não precisam se polidos (sacrifício supremo!!). Contudo, não deixa de dar-lhes conselhos; conforme Pereira & Bastos (2002:175):

“As relações entre afeto, poder e solidariedade mostram-se, assim, extremamente complexas. Se, por um lado, a presença do afeto pode criar a proximidade, por outro, pode possibilitar o exercício do controle e do poder.”

Conforme Ochs (1986:252 *apud* Pereira & Bastos, 2002:175), a expressão lingüística das emoções estará presente em conversas, em atos de fala como queixas, reclamações, acusações, ameaças, elogios e recusas. Observe-se que as meninas são receptivas à atitude de Aurélio, o que evidencia o fato de elas aprovarem a aproximação dele, estabelecendo-se, dessa forma, um vínculo de solidariedade entre eles.

Um aspecto que a pesquisa de Ramires (1997 *apud* Paulo, 2005) aborda e fica claro nos dados obtidos nas gravações é o fato de que fazer ou não parte do dia a dia dos filhos, estar ou não presente nos momentos de suas vidas, participar ou não das etapas do seu desenvolvimento, tem enorme influência no sentimento e na vivência da paternidade. A nova relação estabelecida entre pais e filhos, além de ser muito gratificante para ambos, ainda estimula o desenvolvimento de um forte apego entre os dois.